

TRACEY GARVIS GRAVES

SOZINHOS NA ILHA

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

MÁRIO DIAS CORREIA

ASA

CAPÍTULO 1

ANNA

Junho de 2001

Tinha trinta anos quando o hidroavião em que eu e o T. J. Callahan viajávamos se despenhou no oceano Índico. O T. J. tinha dezasseis e estava havia três meses em remissão de um linfoma de Hodgkin. O piloto chamava-se Mick, mas morreu antes de batermos na água.

Foi o meu namorado, o John, que me levou ao aeroporto, apesar de ser o terceiro na lista das pessoas que eu gostaria que me levassem, a seguir à minha mãe e à minha irmã Sarah. Lutámos contra a multidão, cada um de nós a arrastar uma grande mala com rodinhas, e eu perguntei-me se toda a população de Chicago teria decidido voar para qualquer lado naquele dia. Quando finalmente chegámos ao balcão da US Airways, o funcionário sorriu, etiquetou a minha bagagem e entregou-me um cartão de embarque.

– Obrigado, Miss Emerson. Confirmei todas as ligações até Malé. Tenha uma boa viagem.

Enfiei o cartão de embarque na mala e voltei-me para me despedir do John.

– Obrigada por me teres trazido.

– Acompanho-te até à sala de embarque.

– Não é preciso.

Ele encolheu-se, como se eu lhe tivesse batido.

– Não, eu quero.

Avançámos em silêncio, seguindo o lento rio de passageiros.

– Como é ele? – perguntou o John, quando chegámos à porta.

– Escanzelado e careca.

Perscrutei a multidão e sorri ao ver o T. J., porque tinha agora cabelo curto e castanho a cobrir-lhe a cabeça. Acenei-lhe, e ele respondeu com um gesto de cabeça enquanto o rapaz sentado a seu lado lhe dava uma cotovelada nas costelas.

– Quem é o outro miúdo? – perguntou o John.

– Julgo que é um amigo dele, o Ben.

Esparramados nas cadeiras, vestiam segundo a moda preferida pela maior parte dos rapazes de dezasseis anos: calções largos e compridos, *T-shirt* e ténis desapertados. No chão, junto aos pés do T. J., havia uma mochila azul-escura.

– Tens a certeza de querer fazer isto? – perguntou o John. Enfiou as mãos no bolso de trás das calças e olhou para a alcatifa puída do aeroporto.

Bem, um de nós tem de fazer qualquer coisa.

– Tenho.

– Por favor, não tomes nenhuma decisão definitiva antes de voltares.

Não fiz notar a ironia do pedido.

– Já disse que não tomaria.

Mas, claro, na verdade havia apenas uma opção. Eu tinha-me limitado a adiá-la até ao fim do verão.

O John passou os braços pela minha cintura e beijou-me durante mais alguns segundos do que deveria num local tão público. Afastei-me, embaraçada. Vi, pelo canto do olho, o T. J. e o Ben a observarem a cena.

– Amo-te – disse ele.

Assenti com a cabeça.

– Eu sei.

Resignado, pegou no meu saco de viagem e pôs-me a correia ao ombro.

– Boa viagem. Telefona quando chegares.

– OK.

O John foi-se embora e eu fiquei a ver a multidão engoli-lo. Alisei a frente da saia e dirigi-me aos rapazes, que baixaram os olhos quando me aproximei.

– Viva, T. J. Estás com ótimo aspeto. Pronto para ir?

Os olhos castanhos dele encontraram fugazmente os meus.

– Sim, claro.

Estava mais gordo e perdera aquela lividez cadavérica. Usava um aparelho nos dentes, em que eu nunca antes reparara, e tinha uma pequena cicatriz no queixo.

– Olá. Sou a Anna – disse eu ao rapaz sentado ao lado do T. J.

– Deves ser o Ben. Que tal foi a festa?

Ele olhou de relance para o T. J., confuso.

– Há, foi boa.

Tirei o telemóvel da mala e vi as horas.

– Volto já, T. J. Quero confirmar o nosso voo.

Enquanto me afastava, ouvi o Ben dizer:

– Meu, a tua *babysitter* é uma brasa.

– É a minha explicadora, cara de cu.

Fiquei indiferente ao comentário. Dava aulas numa escola secundária e considerava os ocasionais comentários de rapazes a transbordar de hormonas ossos do ofício, e relativamente inofensivos.

Depois de confirmar que não havia atrasos, voltei para trás e sentei-me na cadeira livre ao lado do T. J.

– O Ben foi-se embora?

– Foi. A mãe fartou-se de andar às voltas no carro lá fora. Ele não a deixou entrar connosco.

– Queres comer alguma coisa?

Abanou a cabeça.

– Não tenho fome.

Ficámos ali sentados num silêncio contrafeito até serem horas de embarcar. Ele seguiu-me pela estreita coxia até aos nossos lugares na primeira classe.

– Queres ficar à janela? – perguntei.

– Pode ser. Obrigado – respondeu ele, com um encolher de ombros.

Afastei-me para o deixar passar e esperei que se sentasse, e então ocupei o meu lugar e apertei o cinto de segurança. Ele sacou da mochila um leitor de CD portátil e pôs os auscultadores, uma maneira subtil de me dizer que não estava interessado em conversar. Tirei um livro do saco, o avião levantou voo e deixámos Chicago para trás.

As coisas começaram a correr mal na Alemanha. O voo de Chicago a Malé – a capital das Maldivas – devia demorar um pouco mais de dezoito horas, mas após alguns problemas mecânicos e atrasos por causa das condições atmosféricas acabámos por passar o resto do dia e metade da noite no Aeroporto Internacional de Frankfurt, à espera que a companhia aérea nos reencaminhasse. Às três da manhã, eu e o T. J. estávamos sentados nas duras cadeiras de plástico, com os nossos lugares no voo seguinte finalmente confirmados.

Vi-o esfregar os olhos.

Indiquei-lhe uma fila de cadeiras vazias.

– Deita-te ali, se quiseres.

– Estou bem – disse ele, a disfarçar um bocejo.

– Ainda faltam várias horas para a partida. Devias tentar dormir.

– Não está cansada?

Estava exausta, mas ele precisava provavelmente mais de descansar do que eu.

– Estou ótima. Vai lá.

– Tem a certeza?

– Absoluta.

– OK. – Esboçou um débil sorriso. – Obrigado.

Deitou-se nas cadeiras e adormeceu no mesmo instante.

Fiquei a olhar pela janela e a ver os aviões aterrarem e levantarem voo, com as suas luzes encarnadas a piscar no céu noturno. Uma vez que estava só de saia e uma blusa sem mangas, o frio do ar condicionado estava a fazer-me pele de galinha e comecei a tiritar. Numa casa de banho ali perto, vesti os *jeans* e a *T-shirt* de manga comprida que tinha enfiado no saco de viagem e depois fui ao bar beber um café. Voltei a sentar-me ao lado do T. J., peguei no meu livro e pus-me a ler. Acordei-o três horas mais tarde, quando fizeram a chamada para o nosso voo.

Houve mais atrasos depois de termos chegado ao Sri Lanka – dessa vez por não haver tripulação suficiente, e quando aterrámos no Aeroporto Internacional de Malé, nas Maldivas, com a casa de verão alugada pelos Callahan ainda a duas horas de viagem de hidroavião, eu já não dormia há trinta horas. Tinha as têmporas a latejar e os olhos secos e a arder. Quando me disseram que não tinham reservas em nosso nome, tive de fazer um esforço para conter as lágrimas.

– Mas eu tenho o número da confirmação – disse ao funcionário de serviço, enquanto fazia deslizar um pedaço de papel por cima do balcão. – Atualizei a reserva antes de sairmos do Sri Lanka. Dois lugares. T. J. Callahan e Anna Emerson. Importa-se de ver outra vez?

O homem olhou para o computador.

– Lamento – disse. – Os vossos nomes não constam da lista.

O hidroavião está cheio.

– E o próximo voo?

– Não tarda a escurecer. Os hidroaviões não voam depois do pôr do sol. – Ao ver a minha expressão siderada, lançou-me um olhar de compreensão, teclou qualquer coisa e pegou no telefone.

– Vou ver o que posso fazer.

– Obrigada.

Fui com o T. J. a uma pequena loja de *souvenirs* e comprei duas garrafas de água.

– Queres uma?

– Não, obrigado.

– Porque é que não a guardas na mochila? – insisti, estendendo-lhe a garrafa. – Podes querer mais tarde.

Desenterrei do fundo da mala o frasco de *Tylenol*, sacudi dois comprimidos para a mão e engoli-os com um pouco de água. Sentámo-nos num banco e eu liguei para a mãe do T. J., a Jane, e disse-lhe que não contasse connosco antes da manhã seguinte.

– Há uma possibilidade de nos arranjam um voo, mas não acredito que saíamos daqui esta noite. Os hidroaviões não voam depois de escurecer, de modo que o mais certo é termos de passar a noite no aeroporto.

– Lamento, Anna. Deve estar exausta – disse ela.

– Não tem importância. Amanhã estamos aí de certeza. – Tapei o telefone com a mão. – Queres falar com a tua mãe?

O T. J. fez uma careta e abanou a cabeça.

Reparei que o funcionário do balcão estava a fazer-me sinais. Sorria.

– Escute, Jane, penso que talvez...

E então a chamada caiu. Guardei o telemóvel e dirigi-me ao balcão, a suster a respiração.

– Um dos pilotos *charter* pode levá-los até à ilha – disse-me o homem. – Os passageiros que ia transportar ficaram retidos no Sri Lanka e só vão chegar amanhã de manhã.

Respirei de alívio e sorri.

– Isso é maravilhoso. Obrigada por nos ter arranjado um voo. Fico-lhe muito agradecida.

Tentei falar com os pais do T. J., mas o telemóvel não conseguiu estabelecer a ligação. Esperei que voltasse a ter rede quando chegássemos à ilha.

– Pronto, T. J.?

– Sim – disse ele, pegando na mochila.

Um miniautocarro levou-nos até ao terminal dos táxis aéreos. Um funcionário fez-nos o *check-in* ao balcão e saímos para o ar livre.

O clima das Maldivas fez-me lembrar a sauna do meu ginásio. Senti imediatamente a transpiração na testa e na nuca. Os *jeans* e a *T-shirt* de manga comprida não deixavam circular o ar junto à minha pele e desejei ter voltado a vestir qualquer coisa mais fresca.

Será sempre assim tão sufocante?

Do pontão, ao lado de um hidroavião que balouçava suavemente na água, um funcionário do aeroporto fazia-nos sinais com a mão. Quando eu e o T. J. nos aproximámos, abriu a porta e nós baixámos a cabeça e entrámos no avião. O piloto estava sentado no seu lugar e sorriu-nos com a boca cheia de *cheeseburger*.

– Viva, sou o Mick. – Acabou de mastigar e engoliu. – Espero que não se importem que eu acabe de jantar.

Parecia ter cinquenta e muitos anos e era tão gordo que mal cabia no assento. Vestia uns calções compridos e a maior *T-shirt tie-dye* que eu alguma vez tinha visto. Estava descalço. Gotas de suor cobriam-lhe o lábio superior e a testa. Acabou de comer o *cheeseburger* e limpou a boca com um guardanapo.

– Chamo-me Anna e este é o T. J. – disse eu, sorrindo e estendendo a mão para apertar a dele. – Claro que não nos importamos.

O *DHC-6 Twin Otter* tinha lugar para dez passageiros e cheirava a combustível e a mofo. O T. J. pôs o cinto de segurança e olhou pela janela. Eu sentei-me do outro lado da coxia, enfiei a mala e o saco de viagem debaixo do banco e esfreguei os olhos. O Mick ligou os motores. O barulho abafou-lhe a voz, mas quando voltou a cabeça para o lado estava a mexer os lábios, a comunicar com alguém através da rádio. Afastámo-nos do pontão, ganhámos velocidade e, pouco depois, estávamos no ar.

Amaldiçoei a minha incapacidade de dormir em aviões. Sempre invejara aquelas pessoas que desligavam no instante em que levantavam voo e só voltavam a abrir os olhos quando as rodas do trem de aterragem tocavam na pista. Tentei dormir, mas a luz do

sol que entrava pelas janelas do hidroavião e o meu relógio biológico baralhado tornavam a tarefa impossível. Quando desisti e abri os olhos, apanhei o T. J. a olhar fixamente para mim. Se a expressão na cara dele e o calor na minha podiam servir de indicadores, tratou-se de um momento embaraçoso para ambos. Ele virou a cara, pôs a mochila debaixo da cabeça e, minutos mais tarde, tinha adormecido.

Inquieta, desapertei o cinto de segurança e fui perguntar ao Mick quanto tempo faltava para amararmos.

– Talvez uma hora, mais coisa menos coisa. – Indicou com um gesto o assento do copiloto. – Sente-se, se quiser.

Sentei-me e pus o cinto de segurança. Com a mão a proteger os olhos da luz do sol, contemplei a vista, de cortar a respiração. Por cima de nós, o céu azul-cobalto, sem uma nuvem. Lá em baixo, o oceano Índico, uma mistura de verde-hortelã e azul-turquesa.

O Mick levou a mão ao peito, massajando-o com o punho, e pegou numa embalagem de comprimidos antiácido. Tirou um e enfiou-o na boca.

– Azia. É o que dá comer *cheeseburgers*. Mas sabem tão melhor do que o raio das saladas!

Riu, e eu concordei com um aceno de cabeça.

– Então, de onde são vocês?

– De Chicago.

– O que é que faz lá em Chicago? – perguntou ele, e atirou outro comprimido para a boca.

– Sou professora de Inglês do décimo ano.

– Ah, férias todo o verão.

– Não para mim. Geralmente, dou explicações durante o verão. – Fiz um gesto de cabeça na direção do T. J. – Os pais contrataram-me para o ajudar a apanhar o resto da turma. Teve um linfoma de Hodgkin e faltou imenso às aulas.

– Bem me pareceu que era demasiado nova para ser mãe dele. Sorri.

– Os pais e as irmãs vieram para cá há dias.

Eu não tinha podido acompanhar os Callahan porque a escola pública onde dava aulas terminava o ano letivo alguns dias mais tarde do que o colégio particular que o T. J. frequentava. Quando o T. J. soube disto, convenceu os pais a deixarem-no passar o fim de semana em Chicago e fazer a viagem comigo. A Jane Callahan telefonou a perguntar se podia ser.

– Um amigo dele, o Ben, vai dar uma festa, e ele gostava muito de ir. Tem a certeza de que não se importa? – perguntou ela.

– De maneira nenhuma – respondi. – Vai ser uma boa oportunidade para nos conhecermos.

Só tinha visto o T. J. uma vez, quando falara com os pais. Ia demorar algum tempo até ele atinar comigo; acontecia sempre que trabalhava com um novo aluno, especialmente um adolescente.

A voz do Mick interrompeu-me os pensamentos.

– Quanto tempo vai ficar?

– O verão todo. A família alugou uma casa na ilha.

– Quer dizer que ele agora está bem?

– Sim. Os pais disseram-me que esteve muito doente, mas há já três meses que entrou em remissão.

– É um bom lugar para um emprego de verão.

Sorri.

– Melhor do que a biblioteca.

Voámos em silêncio durante algum tempo.

– Há mesmo mil e duzentas ilhas lá em baixo? – perguntei. Tinha contado só umas três ou quatro espalhadas pelo mar, quais gigantescas peças de um *puzzle*. Esperei pela resposta. – Mick?

– O quê? Oh, sim, mais coisa menos coisa. Só cerca de duzentas são habitadas, mas penso que isso vai mudar com o desenvolvimento que por aí anda. Todos os meses abre um novo hotel ou *resort*. – Riu-se. – Toda a gente quer um pedaço do paraíso.

Voltou a esfregar o peito, tirou a mão esquerda do manche e esticou o braço. Reparei na careta de dor e na fina película de suor que lhe cobria a testa.

– Sente-se bem?

– Estou ótimo. Só nunca tive uma azia assim.

Enfiou mais duas pastilhas na boca e amarrotou a embalagem vazia.

Comecei a ficar preocupada.

– Quer que chame alguém? Se me ensinar a usar o rádio, posso tratar disso.

– Não, fico bem logo que as pastilhas comecem a fazer efeito.

– Inspirou fundo e olhou para mim. – Mas obrigado, de todos os modos.

Pareceu bem durante algum tempo, mas dez minutos mais tarde tirou a mão direita do manche e massajou o ombro esquerdo. O suor escorria-lhe pela cara. Respirava com inspirações curtas e superficiais e mexeu-se no assento, como se não conseguisse encontrar uma posição confortável. A minha preocupação evoluiu para puro pânico.

O T. J. acordou.

– Anna – chamou, suficientemente alto para se fazer ouvir acima do barulho dos motores. Voltei a cabeça. – Estamos quase a chegar?

Desapertei o cinto de segurança e voltei para junto dele. Não querendo gritar, puxei-o para mim e disse.

– Escuta, tenho quase a certeza de que o Mick está a ter um ataque cardíaco. Tem dores no peito e está com um aspeto horrível, mas diz que é da azia.

– O quê? Está a falar a sério?

Assenti com a cabeça.

– O meu pai sobreviveu a um ataque cardíaco, no ano passado, e reconheço os sinais. Acho que ele está com medo de admitir que se passa qualquer coisa de grave.

– E nós? Ele está em condições de continuar a pilotar o avião?

– Não sei.

Levantámo-nos os dois e dirigimo-nos ao *cockpit*. O Mick apertava os dois punhos contra o peito e tinha os olhos fechados, os auscultadores à banda na cabeça e a pele da cara adquirira um tom cinza.

Acocorei-me ao lado do assento dele, o medo a invadir-me em ondas sucessivas.

– Mick. – O meu tom foi desesperado. – Temos de pedir ajuda. Ele assentiu.

– Primeiro vou pôr-nos na água e depois vai ter de usar o rádio. – Arquejou, a tentar fazer sair as palavras. – Ponham os coletes salva-vidas. Estão no armário junto à porta. Depois vão para os vossos lugares e apertem os cintos. – Fez um esgar de dor. – Vão!

O coração martelava-me no peito e a adrenalina inundou-me o corpo. Corremos para o armário e começámos a remexer no interior.

– Porque é que temos de usar os coletes, Anna? O avião tem flutuadores, não tem?

Porque ele está com medo de não conseguir pôr-nos lá em baixo a tempo.

– Não sei. Talvez seja o procedimento obrigatório. Vamos pou-sar no meio do oceano. – Encontrei os coletes entalados entre um contentor cilíndrico que dizia «JANGADA PNEUMÁTICA» e um monte de mantas. – Toma – disse, entregando um ao T. J. e enfiando o meu. Sentámo-nos e apertámos os cintos. As mãos tremiam-me tanto que só o consegui à segunda tentativa.

– Se ele perder os sentidos, vou ter de fazer suporte básico de vida imediatamente. Vais ter de ser tu a perceber como funciona o rádio, T. J. OK?

Ele assentiu, os olhos muito abertos.

– Eu consigo.

Agarrei-me aos apoios de braços do meu assento e vi, através da janela, a superfície ondulante do oceano aproximar-se de nós. Mas então, em vez de abrandar, começámos a ganhar velocidade, descendo num ângulo muito acentuado. Olhei para a parte da frente do avião. O Mick estava caído para cima do manche, sem se mexer. Abri o cinto e corri para junto dele.

– Anna! – gritou o T. J. A bainha da minha *T-shirt* escapou-se-lhe por entre os dedos.